

**O
PECADO
DEPOIS
DA
CONVERSÃO**

Algernon J. Pollock

Edições Cristãs

O seu efeito e o seu remédio

O assunto de que vamos tratar é o que mais inquieta os verdadeiros crentes no início de sua carreira cristã. Trata-se do rompimento da comunhão com Deus, que ocorre depois da conversão, por causa do pecado.

Não suponho que crente algum volte a fazer-se réu de um pecado deliberado, mas, infelizmente, todos temos que admitir que pecamos e muitos, por isso, estão aflitos e perguntam-se a si mesmos se, afinal de contas, estarão, de fato, salvos.

Agora, pois, chamo a atenção dos que têm sido salvos recentemente. Não é meu intento fazer um estudo que só sirva para entreter os nossos leitores; pretendo expor alguns pontos que hão de trazer uma verdadeira bênção à sua alma.

É conveniente lermos as Escrituras com cuidado. Um dos característicos da época presente é que o povo cristão faz muito pouco uso de sua Bíblia.

Penso que, como bons soldados de Jesus Cristo, devemos trazer sempre conosco a nossa espada, isto é, a Palavra de Deus, achando-nos, como de fato estamos, no campo inimigo.

Assim mesmo, as Escrituras nem sempre hão de ser usadas como espada contra o adversário; elas devem servir também para nosso consolo, edificação e ensino.

Estejamos certos que não avançaremos na carreira cristã a não ser que sejamos

povo de um Livro

e conheçamos a nossa Bíblia. Deus nos deu um único livro. É nosso privilégio lê-lo, conhecê-lo e amá-lo.

Conversando uns dias atrás com uma senhora que estava começando a sua vida cristã, disse-lhe: “Suponha que seu marido estivesse na Europa e que eu o encontrasse ali. Pensando que a senhora gostaria de saber a respeito dele, eu lhe escrevo uma carta, como um velho amigo, dizendo-lhe como está seu marido, de que amigos está rodeado, como passa seu tempo... Que faria a senhora com aquela carta

Ela me respondeu: “Eu a leria várias vezes com a máxima atenção, do princípio ao fim”. E eu lhe respondi: “É assim que devemos ler a Bíblia. Ela nos fala de UM a quem amamos”

Cristo se encontra nela, desde o Gênesis até o Apocalipse. O Senhor mesmo disse: “*São elas [as Escrituras] que testificam de Mim*” (João 5.39).

Pois bem, quando abrimos um livro como a Primeira Carta de João, é necessário saber a quem é dirigido.

Evidentemente, está dirigido a cristãos. O apóstolo João os divide em três classes, chamando-os, com todo o afeto que caracterizava aquele que reclinou a cabeça no seio de Jesus, de “*meus filhinhos*”. As palavras que acabamos de ler na introdução vão dirigidas a cristãos.

Quero chamar a sua atenção para dois versículos em especial. No final do verso 7, lemos: “*O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado*” e no verso 8: “*Se dissermos que não temos pecado[ou que estamos sem pecado] enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós*”.

Consideremos, em primeiro lugar, o versículo 7. De que somos purificados?

De todo pecado.

Passemos agora para o verso 8: “*Se dissermos que não temos pecado enganamo-nos a nós mesmos e não há verdade em nós*”.

Contradizem-se estes versículos? Certamente que não. Um e o outro estão perfeita e sinceramente de acordo. Qual é, pois, o seu sentido?

Escute. Se você vir uma laranja num pé de laranjeira, saberá, sem dúvida, que foi aquela árvore que a produziu. Se eu colhesse uma laranja e a pusesse sobre a mesa, ninguém ignoraria que só de um pé de laranjeira ela teria podido nascer. Que é, pois, o que produz o pecado? Uma natureza pecaminosa. Eis aqui o fruto e a árvore. O fruto é o pecado cometido e a árvore é a natureza ruim.

O fruto são os pecados; a árvore é o pecado ou a natureza pecaminosa.

Uma pessoa não convertida é, nem mais nem menos, como uma árvore silvestre que não pode produzir fruto agradável a Deus.

Suponha que tem em seu quintal duas macieiras bravas, estando uma delas carregada de maçãs amargas. Vendo-a, conhecemos que é uma macieira brava. Olhamos para a outra árvore próxima da primeira e começamos a pensar que tipo de árvore será esta, até que descobrimos uma pequena maçã amarga e dizemos: “Esta também é uma macieira brava”.

Mas alguém dirá: “Havia somente uma pequena maçã nesta árvore, enquanto que a primeira estava carregada de fruto”.

Pois é desta maneira que o povo fala dos pecados. Um homem que se embriaga, que maltrata a sua mulher e que comete todos os pecados que os Dez Mandamentos condenam é qual macieira carregada de frutos. É um pecador carregado de maldades e de pecado.

Outra pessoa que vai a um lugar de culto - assim chamado -, lê a Bíblia e toma parte nos ritos, é também

pecador, ainda que fosse réu de somente um pecado. Ambas as macieiras eram igualmente bravas, uma igual à outra.

“Não há diferença,

porque todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus”.

O ponto é este: O Senhor Jesus Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras: todo o fruto foi, por assim dizer, arrancado da árvore e Deus não vê mais pecados em nós.

Isso vai dirigido aos cristãos: *“O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado”.*

Agora, certifique-se que a Obra de Cristo sobre a cruz satisfaz a Deus de uma vez para sempre, com respeito a nós, pecadores aos Seus olhos santos, e que jamais incorreremos em juízo.

A Palavra de Deus apresenta isto como um fato.

Leiamos dois versículos em Hebreus, capítulo 10, para esclarecer este ponto. Encontramos no versículo 10: *“Na qual vontade [isto é, a vontade de Deus] **somos santificados** [nós, os cristãos] pela oblação do Corpo de Jesus Cristo, feita uma vez”.*

Repare nesta lição sobre a maravilhosa eficácia da Obra de Cristo, a saber, que foi *“feita uma vez”.*

A salvação é, aos olhos de Deus, um assunto concluído desde o momento em que uma alma, apesar de toda a sua fraqueza e tendência para o pecado, confia somente no Senhor Jesus Cristo e na Sua consumada Obra.

Leia também o versículo 24. *“Porque, com uma oblação*

aperfeiçoou para sempre

os que são antificados”. Isto não quer dizer que se tenha extirpado todo o mal do peito do crente e que este nunca mais torne a cometer pecado, mas a Obra de Cristo é tão maravilhosa e Ele tomou tão plenamente sobre Si as nossas responsabilidades, que Deus não tornará a suscitar a questão dos nossos pecados, como um Deus santo que é.

As portas do inferno foram fechadas, de uma vez para sempre, ao mais fraco crente em Jesus, e ele nunca perecerá.

Temos, contudo, que considerar o outro lado: “*Se dissermos que não temos pecado [ou que estamos sem pecado], enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós*”.

Há alguns cristãos que creem no que chamam de “a imaculada perfeição”. Dizem que toda a raiz do pecado foi desarraigada de seus peitos e que se acham possuídos de uma imaculada perfeição.

Um célebre pregador que acreditava nesta teoria levou a um colega seu um indivíduo que, dizia ele, havia alcançado tal estado. O segundo pregador que estava ocupado naquele momento em lavar as mãos, pegando na bacia, atirou a água no rosto daquele tal da imaculada perfeição. O homem mostrou-se extremamente furioso, provando assim que a raiz do pecado não lhe tinha sido extirpada.

A carne é carne

e nunca será outra coisa. Segundo a Escritura, a má natureza não é desarraigada; depois da conversão continua existindo. É, contudo, igualmente certo que não incorreremos de novo em juízo; somos santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma só vez.

Podemos, pois, pecar à vontade? Se o homem, uma vez em Cristo, está sempre em Cristo, então, dizem alguns, o povo pode pecar livremente.

Este engano foi prevenido há cerca de dois mil anos, na Epístola aos Romanos. O coração humano era naquele tempo o mesmo que é hoje. Lemos: “*Permaneceremos no pecado para que a graça abunde?*” (Romanos 6.1). Ouçamos a enérgica resposta: “*De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?*” (v. 2).

A pessoa que crê que pode pecar à vontade da carne depois de convertida não deve, de maneira alguma, ser considerada como uma cristã.

Agora, escute com atenção. Se possuímos uma natureza pecaminosa que não é desarraigada quando se converte, como é então que os cristãos desejam viver uma vida santa? É porque Deus nos tem dado uma nova natureza.

No capítulo primeiro d Segunda Epístola de Pedro diz-se que somos feitos participante da natureza divina e, quando Nicodemos dse apresentou a Jesus, apesar de toda a sua moralidade e conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento, e ainda mestre em Israel, Jesus Cristo disse a este homem: “*Necessário vos é*

nascer de novo”.

Ora, uma pessoa que é cristã nasceu de novo e o desejo de sua nova natureza é a santidade e agradar a Deus.

Há dois agentes a trabalhar no cristão - uma natureza má e o Espírito Santo - e um se opõe ao outro constantemente, resultando disso que não fazemos as coisas que, de outro modo, faríamos (Gálatas 5.17).

Se andamos no Espírito, não satisfaremos a concupiscência da carne. Contudo, muito nos convém saber como, em geral, o Espírito consegue o Seu propósito de dominar a carne.

Não é por nos ocupar com ela, nem com os seus tristes efeitos, como diz o Senhor Jesus: “*Ele [o espírito Santo] Me*

glorificará, porque há de receber do que é Meu, e vo-lo há de anunciar” (João 16.14).

Assim, ocupando-nos com o Seu amor, Seus sofrimentos e Sua morte, Ele nos impede de praticarmos coisa alguma que possa entristecer o coração de nosso Amigo.

Há duas coisas que precisam distinguir-se sempre. Temos, em primeiro lugar, a Obra de Cristo realizada **fora** de nós, na cruz do Calvário, há quase dois mil anos, e desta Obra depende a nossa salvação, desde o princípio até ao fim. Temos, depois, o poder do Espírito de Deus, **dentro** de nós, que nos capacita para progredir na carreira cristã.

Estas duas coisas, pois, são as que sempre devemos ter presentes: 1 - A Obra consumada **fora** de nós, da qual depende a nossa salvação e 2- A Obra executada **dentro** de nós, da qual depende o nosso progresso.

Qual é o efeito

de uma pessoa cair no pecado, depois da sua conversão?

Quando nos convertemos começamos a formar parte da família de Deus. Deus é nosso Pai. Ora, alguns de nossos leitores são pais e mães e sabem perfeitamente que, quando uma criança se porta mal, é necessário castigá-la.

Quando nossos filhos querem ser senhores de sua vontade e nos desobedecem, não deixamos de castigá-los, mas nunca os mandamos prender.

Suponha que um maltrapilho atirasse uma pedra à sua janela e quebrasse a vidraça; o que provavelmente você faria seria chamar a polícia e deixá-lo aos cuidados dela. Mas você trataria assim um filho seu se também ele quebrasse a vidraça? Certamente que não. O incrédulo que peca contra Deus e é como o maltrapilho que não era filho. O incrédulo somente deve esperar a perdição eterna por ser o seu pecado

uma ofensa contra o trono de Deus, mas os crentes em Cristo estão em parentesco de filhos com o Pai.

Quando o filho quebra a vidraça da casa de seu pai este não manda prender, porque se trata de um filho seu. Assim também Deus não nos manda para a cadeia, isto é, para o inferno, mas nos castiga como filhos. Veja Hebreus 12.6-8. E por quê? Para que escapemos do inferno? Não, pois que “o sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica

de todo pecado”,

mas “a fim de que sejamos participantes da Sua santidade”.

Examinemos um versículo muito explícito. Não há nada como tomar a Escritura tal como está escrita. Leiamos 1 Coríntios 11.31-32: **“Por que se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor”**. Para quê? *“Para não sermos condenados com o mundo”*. Somos castigados pelo Senhor para não sermos condenados com o mundo.

Um pai diz: “Se eu não castigo meu filho quando pequeno, quando for homem poderá ser um assassino”. Castiga-o em particular, para evitar que, mais tarde, seja castigado em público.

O homem dado ao mundo parece prosperar e crescer como um verde loureiro. Mas esperemos. Esquece-se de Deus e brinca com Ele. Vive uma vida de pecado e só cuida do que lhe dá prazer. Vai acumulando pecados até um dia achar-se na presença do grande trono branco e será então julgado pelos seus pecados.

Que sucede ao cristão? Dizem alguns: “De uma maneira ou de outra, sempre tenho alguma coisa para me mortificar”. A razão é simples. Deus, pela Sua infinita graça, os está corrigindo.

Certo descrente disse um dia a um pobre cristão paraplético: “Você está aí há tantos anos padecendo nesse leito e diz que Deus ama você! Olhe, eu tenho pernas boas, uma saúde perfeita e gozo a vida. Não creio no seu Deus. Você passa os dias prostrado no seu leito e ainda diz que Deus o ama!”

O paraplético leu ao descrente estes versículos da Bíblia: *“Porque o Senhor corrige ao que ama e açoita a qualquer um que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como a filhos; porque, que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual, todos são feitos participantes, logo sois bastardos e não filhos”* (Hebreus 12.6-8). E o paraplético cristão continuou: O meu caso

explica-se facilmente:

sou um filho de Deus e Ele está me corrigindo, para que eu seja participante da Sua santidade. O Senhor me corrige em virtude de Seu amor para comigo, enquanto que você é um bastardo e de maneira nenhuma um filho de Deus”.

Certamente você deve lembrar-se de que, algumas vezes, quando pequeno, indo para a escola, acontecia estar chovendo muito e você dizia: “Mamãe, quanto desejo ficar aqui em casa hoje!”. Em outras ocasiões está fazendo muito calor e você suplicava: “Mamãe, o sol está muito quente; quase não posso sair à rua. Deixe-me ficar em casa!”

Sua mãe, porém dizia: “Você tem que ir à escola!”

Também se dava o caso em que, estando o tempo agradável, você dizia: “Mamãe, não tenho vontade de ir à escola hoje e ficar ali encerrado. Deixe-me hoje passear!” E quando sua mãe se negava a fazer a sua vontade você achava que ela era muito severa.

Qual é hoje sua opinião sobre tudo isto?

Certamente, você diz: “Minha mãe tinha razão. Ela estava preparando-me para o futuro e queria educar-me”.

Ora, é este, na Escritura, o sentido da correção. Nem tudo é castigo; grande parte dela é educação. Inclui o castigo, porque é necessário, em virtude de que

o castigo é educativo.

Deus nos diz: “Andem naquela vereda e então descobrirão que estão aprendendo lições do amor do Pai e da graça de Cristo”. A vereda da vontade de Deus é o caminho, mais suave para o céu.

Segundo a minha própria experiência, eu não quisera ter estado sem uma gota sequer de amargura que tenho tido o meu cálice. Por quê? Porque, pela disciplina, aprendemos, de uma maneira especialmente suave, a conhecer o amor e os cuidados do Pai.

Porém, supondo que um cristão cai em pecado, qual será o efeito do mesmo? Nesse caso, o Pai retira dele o Seu amoroso sorriso. Parece que Deus, então, está distante. O cristão não perde a salvação, mas perde o gozo da salvação.

Você entende a diferença? Suponha que um menino se porta mal em relação a seu pai. Ele é perdido o pai? O pai não pode sorrir para ele, tem que castigá-lo e percebe-se que há, entre eles, uma certa distância.

O pai é levado a isto pelo amor que tem parte com o filho. Se ele poupa a vara, estraga o filho; poupando-a, mostra que não o ama.

Deixe-me repetir a pergunta. Que sucede ao crente quando cai em pecado? Perde a sua salvação? Não! Que perde, então?

Perde o gozo do amor de Deus em sua alma e, ajoelhando-se, os seus lábios ficarão como selados. Haverá nele uma coisa muito parecida com hipocrisia, se pretende orar.

O humilde ato da confissão

é o que então deve praticar.

Mas, se acaso, o crente persevera no seu pecado e deixa de atender as admoestações de Deus, que sucede? Deus o castiga, por exemplo, com uma enfermidade, ou com uma perda aflitiva, ou com qualquer coisa das muitas que podem sobrevir-lhe.

Na Primeira Epístola aos Coríntios 11.30, você verá que Deus fez morrer alguns cristãos que se portavam mal. Contudo, foram para o céu. Por quê? Porque a Obra de Cristo os havia feito aptos para aquele lugar.

Então porque morreram? Foi porque não davam bom testemunho aqui: *“Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem”*.

Isto significa que, embora pela Obra de Cristo estivessem preparados para morrer, o seu proceder mostrava que não estavam preparados para viver! Que tristeza! Tal coisa, contudo, só ocorre em casos extremos. Deus permita que nenhum de nós dê pouca importância ao pecado!

Lembro-me de ter visto uma vez na Irlanda uma cabra que tinha os pés amarrados e eu perguntei: “Por que a amarram assim?” E me responderam: “É porque o animal tinha o vício de fugir e brigar”.

Não se dá este caso com muitos de nós? Por natureza, nós gostamos de vaguear, de correr, de pelejar e, por esta razão, Deus nos ata as mãos uma à outra. Não nos deixar fazer a nossa própria vontade. Não quer deixar-nos obrar assim, porque

Ele nos ama infinitamente.

Ele deseja que sejamos unicamente Seus. Ora, quando um cristão cai em pecado, qual é o seu remédio? Sim, qual é o seu remédio? Lemos que: “*Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça*” (1 João 1.9).

Que significam estas palavras? Está em perigo a nossa salvação? Não se trata disto. Não precisamos implorar o perdão pelo medo de perder a nossa alma, mas porque, como em Hebreus se nos diz, Jesus Cristo se fez “*o Autor da salvação eterna*”;

O pecado não me faz temer a morte e o juízo, mas me faz sentir que se abriu uma distância entre a minha alma e o meu Pai, distância que o Seu perdão paternal desfaz.

O nosso versículo, não diz “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é misericordioso e terno para nos perdoar os pecados” Não! O que ele diz é: “*Se confessarmos os nossos pecados, Ele é*

justo e fiel

para nos perdoar os pecados”. Percebe a diferença? Ele é “fiel e justo ”! Porque é fiel e justo? Porque foi feita a expiação pelo pecado na cruz do Calvário e Deus ficou satisfeito com ela. Portanto, se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar.

Um amigo meu me contou a história de um homem, de um cristão, que infelizmente contraiu o hábito da intemperança. Este indivíduo pediu conselho a outro, também cristão, e obteve a seguinte resposta: “Meu amigo, você deve confessar o seu pecado”.

O que pedia conselho ajoelhou-se e disse: “Deus meu, tenho cometido um delito”. O amigo lhe disse: “Não fale

assim. Diga a Deus o que tem feito”. Ele começou de novo: “Ah, Deus meu, caí

O amigo o corrigiu novamente: “Isso não basta. Conte a Deus o que tem feito”. O pecador, agora contrito, exclamou por fim: “Oh, Deus, devo dizer-Te a verdade: Muitas vezes me tenho embriagado!”

Se, pois, queremos ter a consciência limpa de pecados, confessemos a Deus claramente o que temos feito, como, por exemplo: “Oh, Deus, dei lugar ao mau gênio”. O povo diz que

o mau gênio

É uma enfermidade. Dar lugar ao mau gênio é um pecado. Confessemos a Deus o caráter do nosso pecado e, fazendo-o, receberemos perdão, o perdão do Pai, e desfrutaremos novamente do Seu sorriso de amor. Lembremo-nos, porém, que o menor pecado rompe o fio da comunhão.

Se desta maneira confessamos o nosso pecado a Deus, sabendo que a Obra que Cristo expiou esse pecado na cruz, há perto de dois mil anos, receberemos o perdão, como um filho o recebe de seu Pai.

Imaginemos que um rapaz incorre numa multa por desobedecer determinada lei. Um policial apanha o rapaz e, antes de conduzi-lo à cadeia, passa pela casa do pai do rapaz e diz: “Senhor, estou levando preso o seu filho porque ele incorreu numa multa de quinhentos reais”.

Certamente o pai dirá: “Sinto muito, porém eu pagarei os quinhentos reais”. Depois de pagar esta multa, o rapaz não teme policial algum porque a lei foi satisfeita. Isto é o que sucede conosco. Tínhamos pecado contra Deus. O Senhor Jesus Cristo pagou por nós, na cruz do Calvário,

a enorme dívida

que tínhamos com Deus e agora não tememos o inferno, nem a justiça futura. A lei não tem nada agora a ver conosco.

Voltemos à nossa comparação. Que faz agora o pai? Ele pagou os quinhentos reais e nenhum policial pode tocar no rapaz. “Filho meu”, lhe diz, “eu lhe mandei que não transgredisse a lei e você me desobedeceu”.

Então, na intimidade do lar, castiga o rapaz pela sua desobediência. Você pode dizer: “Os quinhentos reais já foram pagos e o rapaz está livre. Por que, então, o castigo do pai?” A resposta é: Para que aprenda a portar-se melhor.

Não temos medo do inferno, nem da condenação eterna, porque dessa pena nos salvou a cruz de Cristo. Devemos, porém, compreender claramente que Deus não permanece indiferente ao que faz o Seu povo e que, se não caminarmos conforme o Seu agrado, nos corrigirá, para que sejamos participantes da Sua santidade.

Deus quer levar o crente ao ponto de confessar os seus pecados e obter o perdão deles, conforme 1 Coríntios 11.31: *“Se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados”*.

Permita, finalmente, que lhe diga que se, como cristão, deseja que a alegria e a felicidade sejam suas companheiras na carreira cristã, então **não deve deixar atrasar suas contas com Deus.**

Confesse a Deus o delito de que é culpado. E não diga: “Nunca mais farei tal coisa”, porque as nossas resoluções não merecem confiança alguma.

E o que devemos dizer depois de confessado o nosso pecado e depois de termos obtido o perdão?

Assim como para sermos salvos recorremos a Cristo, que morreu na cruz do Calvário como nosso Salvador,

entreguemo-nos agora ao Espírito Santo de Deus, para sermos mantidos por Ele. O Espírito Santo

é o único poder

que sustém o cristão.

Um senhor foi certa vez a um lar cristão e viu sobre a mesa um cálice com o pé partido. “Que significa este cálice partido?”, perguntou, “não serve para e nem é um enfeite”. O dono da casa respondeu: “Este copo lembra-me constantemente o que sou. Ele não pode suster-se em pé sem que alguém o sustenha; e eu não posso permanecer direito diante de Deus sem que me sustenha o Espírito Santo”.

“Sustentado pelo poder de Deus”, eis a divisa que devemos adotar até a Vinda do Senhor.

Deixe-me repetir que a cruz de Cristo resolveu para sempre a questão da salvação da minha alma e que o pecado não pode jamais perturbar a minha consciência com o medo do inferno, a não ser que eu desconfie da eficácia do sangue de Cristo e dos completos resultados da Obra consumada de Cristo. O pecado vai perturbar é a intimidade e a comunhão com meu Pai, mas nunca introduzirá o temor do inferno.

Se recorremos uma vez a Cristo e Ele salvou a nossa alma, de uma só vez *“aperfeioou para sempre aqueles que são santificados”*. Em seguida, temos a Obra interna do Espírito e, se queremos caminhar como cristãos, temos que valer-nos do Espírito de Deus, que nos dará a vitória sobre o pecado, como lemos em 1 João 2.1: *“Estas coisas vos escrevo para que não pequeis”*.

Há UM no céu que nos serve como Advogado se pecamos, mas diz a Escritura: *“Estas coisas vos escrevo para que não pequeis”*.

Agora, em conclusão, o conselho que dou a todos que me leem é o seguinte: “Caminhem todos os dias e todas as horas na dependência de Deus”.

Não há em nós força alguma inerente. Deixem o “eu” e voltem-se para Deus; recorram ao poder do Espírito Santo e serão mantidos.

Se caírem em pecado, façam a sua confissão a Deus; sim, confessem seu pecado. Não duvidem do perdão porque, feita a confissão, o perdão já é seu. Não o perdão de Deus para um estranho pecador, mas o perdão de um Pai para seu filho.

Confessem não somente com palavras, mas com o espírito aflito e contrito e será seu o perdão dAquele que é fiel e justo.

O efeito do pecado é, como já temos visto,

a perda da comunhão.

O remédio é a confissão. A salvaguarda é que andemos sempre na dependência de Deus e que nos entreguemos ao poder e direção do Espírito.

A Obra de Cristo, feita **fora** de nós, efetuou a salvação. A Obra do Espírito, executada **dentro** de nós, promove o progresso e a santificação prática.

Devemos ser, em nossas vidas, um povo inteiramente santificado. Devemos mostrar a este mundo que não lhe pertencemos.

Que Deus inflame o nosso coração com o sentimento do Seu divino e inescrutável amor e que o Senhor Jesus Cristo de tal maneira atraia o nosso coração, por meio da Sua graça, que não sejamos constrangidos a segui-IO.

Que conheçamos a doçura de sermos conduzidos pelo bendito poder do Espírito Santo, até o momento em que vejamos o Senhor face a face e permaneçamos para sempre

na casa do Pai. Que Deus se digne conceder-nos esta bênção.
Amém.

.oOo.